

Um Pássaro no Arame

Manuel Alberto Vieira



Um Pássaro no Arame

Manuel Alberto Vieira

/c.a.
Edições Caixa Alta

Um Pássaro no Arame
Manuel Alberto Vieira

Edição e revisão de texto :: Madalena Caramona e Guilherme Pires
Capa: Edições Caixa Alta
Ilustrações de capa: © 2022 Cliff Warner
Projecto gráfico e paginação :: Edições Caixa Alta

ISBN :: 978-989-53096-7-2
Depósito legal :: 512 666/23

1.ª edição: Abril de 2023

© 2023 Manuel Alberto Vieira e Caixa Alta – Oficina Editorial

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial
desta obra sem prévia autorização da editora.

/c.a.

livros@oficinacaixaalta.pt
www.oficinacaixaalta.pt
Rua Dr. Alfredo da Costa, 53
2710-524 Sintra

«la memoria es para mí como la temerosa
luz que alumbra un sórdido museo de la
vergüenza.»

Ernesto Sábato
El túnel

A casa

Recua o olhar à casa que estende o chão duro onde está sentado: uma janela rachada, madeira podre, plantas que espreitam como línguas das fendas na parede.

Olha agora em frente, por cima do muro que delimita o jardim da casa onde sempre viveu. A mão esquerda abre e fecha no ar, apontada para o sol. A direita demora-se na terra seca, deslizando como uma vassoura atrás dos desenhos que lhe desfilam na cabeça.

Uma voz chama o nome dele, mas finge não ouvir. Seguida de um rangido que fura a melodia do sol. De novo a voz, o mesmo nome gritado. Mas finge não ouvir.

Passos atrás de si, estalos de chinelo que se aproximam. Afasta a mão que apertava o sol, desiste da outra. Casa-as na ganga puída dos calções. Aperta-as. Mas finge não sentir.

Até o golpe e o som e o susto o arrancarem como a uma erva daninha.

O corpo debruça-se sobre ele. A boca dispara. O braço que desferiu o golpe parou no ar, suspenso como um ramo que ameaça partir.

Endireita o tronco magro, levanta-se, sacode a ganga suja, avança para dentro da janela rachada e da madeira podre e da parede fendida, puxado por vento que aspira.

No chão de onde se levantou vê-se um insecto de pernas para o ar. Está partido em mosaicos, derrama uma coisa branca. As pernas ainda mexem.

A janela rachada

Na janela rachada por onde espreita a noite insone há um buraco do tamanho do olho. Observa o mundo pela mira e calcula a destruição de tudo quanto a vista alcança.

Tudo belo, tudo concreto. Na parte funda da cabeça, onde o pensamento não chega. Árvores queimadas, esqueletos de prédios, sonhos cor de fogo. Que sobem coloridos e plantam cogumelos no céu.

O soldado que salvará o mundo. Que matará para que a nova vida nasça.

Pega nas munições, projecta-as com a boca, os punhos cerrados produzem na parede a banda sonora.

Alberto sussurra o nome dele. Uma, duas, três vezes.
Silêncio.

Novo sussurro, mais dócil:

- Jonas.
- Vai para o teu quarto.

O irmão mais novo não insiste, regressa para o quarto.
Está na cama. Caiu nela como quem tropeçasse.
O crânio mais pesado que o corpo. O corpo leve como
uma coisa que não fosse. Uma voz que desconhece
ressoa-lhe na cabeça, fustiga-lhe o reverso dos ossos.

A mãe e a paisagem nocturna

Prime o botão da máquina avariada e senta-se no sofá.

Fixa-se nos pontos negros e cinzentos que formigam no televisor: o trânsito de pequenas criaturas encurralladas fascina-a. Fecha os olhos. Reabre-os. A mesma paisagem todas as noites. Uma coisa parada na sua deslocação contínua.

O incómodo da ausência de um significado que explique. Mas uma paz também.

Diz uma frase em voz alta. A voz não é escutada, na casa todos dormem. Repete a frase em voz alta, agora com as mãos unidas à altura do peito. Mas não é para cima que olha. É para o ecrã.

Diz a frase em voz alta uma última vez antes de se levantar e desligar o aparelho. Regressa à cozinha, aproxima-se da banca, prepara os alimentos para amanhã. É exímia nos movimentos: as mãos não hesitam, a faca é certa.

A cabeça ergue-se ao som da lâmina contra a tábua.

O corpo que avança

Telas de fuligem nas paredes, manchas indecifráveis nos passeios. Homens gemem ladainhas, exibem pernas subtraídas sobre as quais lançam mãos em concha. Loucos uivam para o chão e cantam e dançam ao som de auscultadores sem música.

Há flores nas varandas, cotovelos nos parapeitos, sorrisos também. E a velha, sempre a velha da rua estreita que cumprimenta todos quantos por ali passam. A velha que ele detesta.

Nos passeios e ruas pedonais avança-se a prumo, não se dobra a postura. Em cima e em baixo há perigo. Escuridão e lixo. E sons proibidos. Mas nesta cidade os saudáveis sabem o percurso. Em frente, sem desvios da ordem que vigia.

Ei-lo, na multidão: o homem forte. Acaba de passar pela velha que detesta. Caminha com fúria, um corpo que rasga. Braços de pugilista, os olhos em tudo menos no

sítio onde estão. Cada passo é algo que tem de ser deixado para trás. Dentro dele, o pensamento não fala, o corpo é a voz, e neste momento ordena-lhe que caminhe, depressa, cada vez mais depressa, até atingir a velocidade que não tem como ser apanhada.

Acordar

Lateja e dói. Na testa. Atrás dos olhos também. Fixa-se no tecto, o tecto é o pavimento de um barco que oscila.

Há um som que se repete, mas não o distingue. Mais perto agora.

– Acorda.

As linhas diagonais que lhe atravessam as pálpebras voltam-se para a porta. Lembram persianas tombadas em cuja abertura corre um azul em fuga. A mãe abana a cabeça.

Alberto senta-se na cama, curva as costas.

– Desculpa – sussurra.

A mãe continua a abanar a cabeça.

Alberto espreita-a por instantes: uma criatura colossal, emoldurada no rectângulo da porta.

– Devias ter vergonha.

Alberto curva mais as costas, comprime as têmporas entre as mãos.

– Limpa essa porcaria – diz. Depois dá meia-volta e desaparece no corredor.

Alberto mantém-se na mesma posição.

– Desculpa – sussurra de novo. Ela não ouviu, e ele sabe-o. Mas insiste na repetição.

À medida que os passos da mãe se afastam e emudecem, solas aproximam-se. Atravessam-lhe a pele, estão-lhe na carne. Pressente-as mais dentro, mais fundo, apesar de não ter como medir distâncias interiores. Produzem ecos a partir do centro de um pavilhão. Olha em volta. Os ecos saíram dele, cruzam agora o quarto. Projectam-se do chão, do tecto, da cama, das paredes. Vê-lhes a cauda: cometas cujos fios de luz urdem uma teia.

Faz uma trouxa com os lençóis, dobra cuidadosamente o plástico de maneira a que nenhuma gota de urina escape para o colchão, entorna o líquido na sanita.

Não toma banho. Veste-se à pressa, tem dificuldade em acertar nos buracos das roupas, o tecido cola-se-lhe à pele viscosa.

A porta do quarto do irmão está fechada. Abre-a.

– Jonas?

Silêncio.

– Jonas?

Novo silêncio.

Chama-o uma terceira vez, espera uns segundos, desiste. Fecha a porta, percorre o corredor, tenso, desencontrado: a urgência da rapidez não obedece, há uma coisa esticada que contraria a mecânica das pernas.

No interior do compartimento em cuja porta acabou de bater, duas esferas brancas atentam muito quietas num lugar que não existe.

Alberto e a generosidade

O ar é escasso; os movimentos, pretensões. A casa encolhe a cada dia. Mas os sítios são sempre mais pequenos para quem neles vive. Isto ouviu Alberto de alguém. O pensamento devolve-lhe a respiração saudável.

Bate à porta. Jonas abre.

– Esta casa – diz Alberto.

Jonas é uma figura de mármore.

– Porque vivemos nesta casa?

O irmão mais velho permanece imóvel e calado.

Alberto sente-se diminuir em tamanho. A figura de Jonas é uma imensa sombra súbita. Vira costas, afasta-se, acelera até alcançar o exterior da casa.

Depara com a mãe a esfregar o chão. Acaba de pontapear um cão que insiste em aproximar-se.

*

Aproxima-se da escola. O edifício cresce, como uma ameaça que irrompe da terra – um cubo cinzento, austero. Detém o passo. Distingue corpos e cabeças minúsculas atrás de janelas. Uma rua e um parque de estacionamento separam-no do destino. Observa-o uma vez mais. Depois, olha para a esquerda e para a direita. Repetidamente.

Dá agora por si a caminhar, mas não em direcção à escola. Percorre a rua que há instantes o separava do cubo. Ao longe, um banco ocupado por uma rapariga gorda. Atrás dela, o parque da cidade. Avança.

Pára a escassos metros. Apercebe-se de que a rapariga gorda fita o chão com os dedos entrelaçados sobre a barriga disforme. Aproxima-se.

– Olá.

A rapariga gorda levanta a cabeça.

– Olá – repete Alberto.

Ela baixa a cabeça, faz por esconder o rosto.

– Posso sentar-me ao teu lado?

Ela não responde.

Alberto observa-a por momentos e senta-se.

– Estás triste?

Agora as esferas marejadas parecem olhar através do chão.

– Não queres falar comigo?

A rapariga balbucia qualquer coisa que Alberto não percebe.

– Podes repetir?

– As pessoas não costumam falar comigo.

– Olha para mim.

A rapariga gorda contrai-se.

– Não tenhas vergonha.

Mas ela não tira os olhos do chão.

– Não fiques triste.

Alberto perscruta a paisagem em redor.

– Queres fazer uma coisa comigo?

– Que coisa?

– Uma coisa para te tirar a tristeza.

A rapariga levanta a cabeça. A boca minúscula mexe um tudo-nada na cara redonda.

– Anda comigo – diz Alberto.

Conduz a rapariga através de um arvoredo, percorre alguns metros e pára. Olha em volta, observa tudo devagar, elabora um breve aceno de cabeça.

– Deita-te.

Ela deita-se.

Alberto levanta-lhe a saia e despe-lhe as cuecas gentilmente. Baixa as calças e põe-se em cima dela.

O corpo da gorda equivale a dois do seu, é isto que pensa enquanto a fornicava. A carne mole abana, mas não sente repulsa. Observa-a. A cada vaivém da carne mole, um deslumbramento que cresce. Convertido agora em ofuscação. Mantém os olhos abertos mas não vê. Dentro de si, há algo que arromba e arrasta, que lhe desfaz o pensamento como uma torrente de lava e precipita o desfecho da cópula.

Deixa-se cair momentaneamente sobre a rapariga. Ela abraça-o. Ele levanta a cabeça e apercebe-se de um leve sorriso no rosto anafado. Põe-se de pé, puxa as calças para cima e mexe a boca que segura um palito invisível.

– Eu bem te disse que a tristeza ia desaparecer.

Agacha-se, aproxima os lábios dela para a beijar, mas pára a escassos centímetros. Detém-se, analisa-a como quem decifra e recua de supetão. Põe-se novamente de pé, dá meia-volta e vai-se embora.

A rapariga, ainda deitada com as pernas nuas e abertas, estreita os lábios minúsculos, formando pequenas rugas que tremem em sintonia com as pestanas. E as rugas, tal como a vibração, rapidamente se propagam a todo o rosto – caprichosamente discretas sob a camada de gordura. Até a primeira lágrima perder a vergonha e sair, lenta e pesada, como se consigo transportasse um insondável segredo há muito guardado.